



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

PSICANÁLISE, FOUCAULT E SEXUALIDADE

Caroline Carvalho Pimentel

Brasília

Junho de 2018



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

PSICANÁLISE, FOUCAULT E SEXUALIDADE

Caroline Carvalho Pimentel

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCeub, como requisito parcial à conclusão do curso de Psicologia.

Professora-Orientadora: Ciomara Schneider

Brasília

Junho de 2018

Sumário

Resumo	4
Introdução	5
Método.....	8
1. Sexualidade e Psicanálise	11
2. Sexualidade e Foucault.....	17
Discussão: confrontos ou conciliações possíveis entre Foucault e a Psicanálise no campo da sexualidade	26
Considerações finais	30
Referências bibliográficas	34 ³³

Resumo

No último século a Psicanálise se destacou como campo fecundo de produção de conhecimento em torno da sexualidade, tendo suscitado numerosas ramificações teóricas e outras tantas reações críticas, dentre as quais se destaca a produção de Foucault acerca do tema. O presente trabalho levanta o seguinte problema de pesquisa: a sexualidade é da ordem da pulsão, como aponta a psicanálise, ou é resultado da elaboração da subjetividade moderna impulsionada por meio da produção discursiva, como aponta Foucault? O objetivo geral é investigar os possíveis pontos de conflito e aproximação entre a concepção psicanalítica e a concepção foucaultiana da sexualidade. Como objetivos específicos, pretende-se sistematizar teoricamente o tema para a psicanálise, conhecer a obra de Foucault no que tange à sexualidade e revisar criticamente a produção foucaultiana sobre a sexualidade em confronto com a produção psicanalítica sobre o mesmo tema. O estudo é uma revisão narrativa de literatura elaborada, do ponto de vista do método, a partir do campo psicanalítico. Percebeu-se que, para Foucault, a sexualidade assumiu a forma de um discurso que define uma verdade fundamental sobre o indivíduo. Para a psicanálise, a sexualidade é elemento fundamental da constituição psíquica. Ao fim, conclui-se que parte da crítica foucaultiana à Psicanálise é de certa forma reducionista, porém uma parcela dessa crítica deve ser levada em consideração pela Psicanálise, de forma que esta não se torne instrumento de restrição e normalização da conduta sexual humana.

Palavras-chave: Sexualidade, Psicanálise, Foucault

Introdução

Vivemos uma época em que o tema sexualidade parece estar por toda a parte, integrando os mais variados discursos. O tema está na pauta política brasileira, cujo debate em câmaras de deputados e vereadores tem versado a respeito de sua inclusão ou exclusão no currículo escolar, por exemplo, ou em torno do recrudescimento da proibição do aborto, como se viu em votação de comissão especial da Câmara dos Deputados no início de novembro de 2017. É um tema amplamente presente na cultura, constante nos meios de comunicação, e fundamental, hoje em dia, na construção da subjetividade, que se atualiza em torno de identidades sexuais e identidades de gênero.

A construção dessas identidades tem um papel sobretudo no enfrentamento à profunda rejeição social que ainda sofrem as identidades de gênero e as identidades sexuais não hegemônicas, uma vez que manifestar identidades sexuais não-hegemônicas é ato passível de preconceito, discriminação e até mesmo violência. Revelar uma identidade sexual ou de gênero fora da norma é algo ainda feito à custa de sofrimento e violência, o que fica evidente ao verificarmos as estatísticas relativas à homofobia no Brasil: segundo relatório do Grupo Gay da Bahia, em 2014 aconteceu uma morte LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) a cada 28hs (Bacelar, Galdo & Miranda, 2014). Foram 216 mortes em 2014.

Assim, mesmo num cenário em que a sexualidade parece ser um tema debatido à exaustão na sociedade de hoje, os discursos em torno do tema estão frequentemente eivados de ignorância e preconceito. Os discursos reproduzidos nos meios de comunicação de massa em muito pouco se beneficiaram dos desenvolvimentos da discussão na seara acadêmica. Neste âmbito, a Psicanálise se destacou no último século como campo fecundo de produção de conhecimento em torno da sexualidade, tendo suscitado numerosas ramificações teóricas e outras tantas reações críticas, dentre as quais se destaca a produção de Foucault em torno da sexualidade.

Para Foucault (2009), Freud reformula a verdade do sujeito em torno de sua própria sexualidade, reforçando a relação entre poder e verdade através de um dispositivo de aliança que inclui o complexo de Édipo, o matrimônio, a família nuclear burguesa, e mantendo um dispositivo de sexualidade que se retroalimenta pela constante produção de discursos sobre si. Mas as ramificações da psicanálise são extensas, e a despeito da crítica do filósofo, a psicanálise persiste enquanto campo de produção de saber em torno do ser humano e também em torno da sexualidade.

A celeuma que a crítica de Foucault criou em torno da Psicanálise parece estar centrada na seguinte questão: a sexualidade é da ordem da pulsão, como aponta a psicanálise, ou é resultado da elaboração da subjetividade moderna impulsionada por meio da produção discursiva, como aponta Foucault? O desenvolvimento acadêmico que se seguiu à instauração do debate não esclareceu completamente a questão, mas contribuiu para o aprofundamento do tema em diferentes perspectivas, e talvez tenha contribuído até mesmo para o exercício de uma psicanálise mais em sintonia com a singularidade da experiência humana. Seja como for, continuar essa discussão é ainda relevante, uma vez que as diversas posições em torno do tema da sexualidade estão longe de representar consenso.

A escolha desse tema é o reflexo pessoal de um interesse crescente por psicanálise ao longo do curso de Psicologia combinado a uma afinidade antiga por temas relacionados ao feminismo. Por acompanhar a militância feminista, sempre participei da discussão de temas relacionados aos estudos de gênero, às construções da feminilidade e masculinidade, às identidades sexuais e de gênero, às diferenças culturais e sociais entre os gêneros, entre muitos outros. As contradições que parecem existir entre o que se professa na psicanálise acerca da sexualidade humana e o que se debate nesses chamados estudos de gênero -- em que a identidade sexual por vezes é vista como construção sócio-cultural -- é um tema de grande interesse pessoal e que ainda não está solucionado pela comunidade acadêmica.

Um dos teóricos de maior destaque nesse debate sobre as implicações históricas e culturais que fizeram surgir a sexualidade como a conhecemos hoje é Michel Foucault. Com suas obras em três volumes intituladas *A História da Sexualidade*, o autor trouxe uma nova perspectiva à discussão sobre sexo, defendendo a tese de que a sexualidade moderna foi construída a partir de discursos diversos sobre a sexualidade, inclusive o discurso psicanalítico. Já a Psicanálise construiu sua história também a partir da ênfase nas implicações da sexualidade para o funcionamento do aparelho psíquico. Embora alguns teóricos tenham dado maior ou menor ênfase à sexualidade na construção de seus campos psicanalíticos, para a psicanálise “o sexual parece ser o conceito a partir do qual a atividade psíquica se desenvolve, se organiza, se diferencia, se especifica, fundando as relações entre a consciência e a atividade inconsciente” (Green, 2000, p. 28).

Assim, a justificativa da escolha do tema do ponto de vista pessoal é a elaboração de um trabalho que conjugue esses dois grandes interesses acadêmicos pessoais — estudos sobre sexualidade no meio cultural e psicanálise — enfrentando similaridades e contradições pertinentes às duas óticas distintas. Mais especificamente, as similaridades e contradições existentes entre a concepção foucaultiana da sexualidade e a concepção psicanalítica da sexualidade.

Do ponto de vista acadêmico, a escolha do tema justifica-se em razão de ainda ser um tópico que desperta muitos debates e poucos consensos. A construção do tema na psicanálise nos anos pós-freudianos sempre é uma questão problemática, do ponto de vista de Green (2000). O autor escreveu em 1998 que “após 100 anos de existência, a sexualidade, tal como a psicanálise de Freud revelou, é uma questão em aberto entre os psicanalistas” (Green, 2000, p. 205). Um exame geral dos artigos e trabalhos produzidos no Brasil acerca da temática mostra que muito foi trabalhado mas poucas foram as tentativas de confrontar as duas concepções teóricas aqui apresentadas – psicanálise e sexualidade e as teorizações foucaultianas sobre o

mesmo tema. Assim, com a monografia, busca-se contribuir para a dissolução dessa dúvida acadêmica.

Do ponto de vista social, a monografia justifica-se por explorar um tema que tem sido objeto de conflitos sociais, uma vez que a sociedade brasileira dá demonstrações frequentes de homofobia e machismo. Explorar o tema da sexualidade em concepções teóricas distintas pode contribuir para o aumento do arcabouço teórico necessário para a progressiva diminuição dos preconceitos e violências perpetrados contra lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros.

O trabalho tem como objetivo geral investigar os possíveis pontos de conflito e aproximação entre a concepção psicanalítica e a concepção foucaultiana da sexualidade. Como objetivos específicos, pretende-se sistematizar teoricamente o tema para a psicanálise, conhecer a obra de Foucault no que tange à sexualidade e revisar criticamente a produção foucaultiana sobre a sexualidade em confronto com a produção psicanalítica sobre o mesmo tema.

Método

O estudo é uma revisão de literatura, que será delineada nos moldes de uma revisão narrativa. Segundo o Instituto de Psicologia da USP, a revisão narrativa não utiliza critérios explícitos e sistematizados para a busca dos textos que serão discutidos, no que se diferencia da revisão sistemática e integrativa de literatura. Já a revisão sistemática utiliza critérios pré-estabelecidos para a escolha do material com o qual se trabalhará, buscando a pesquisa de um tema conforme uma sistematização de artigos que o abordaram anteriormente (Instituto de Psicologia da USP; Mendes, Silveira & Galvão, 2008; Rother, 2007). A revisão integrativa vem para integrar metodologias diferentes num único estudo — experimentais e não-experimentais, por exemplo (Mendes, Silveira & Galvão, 2008; Whitmore & Knafl, 2005). Embora a presente monografia vise estudar em concomitância dois campos distintos do

conhecimento, com diferentes métodos e pressupostos, já supondo uma sistematização do conteúdo para a discussão, a escolha dos textos que serão trabalhados não seguiu critérios específicos. Os textos foram selecionados conforme sua pertinência para a análise que consta do objetivo principal. Inserem-se, portanto, na metodologia de revisão narrativa de literatura.

Importante frisar que, como lembra Mezan (2014), a pesquisa científica não é a mera reunião de informações sobre um assunto; é a tentativa de obter conhecimento novo e apresentá-lo de forma a incorporá-lo ao já existente. O mesmo autor destaca a existência e a importância de pesquisas teóricas na área da psicanálise com foco em questões da metapsicologia, desde que o tema seja desenvolvido e não meramente reproduzido. É possível, do ponto de vista do autor, que a pesquisa verdadeiramente científica seja produzida na área da psicanálise, apesar das críticas à psicanálise como ciência.

Desde Freud a Psicanálise foi lançada e vem sendo elaborada como ciência. Segundo Mezan (2014, p.528), “Freud considerava o trabalho com seus pacientes simultaneamente como tarefa terapêutica e investigação científica”. Ou seja, para Freud a psicanálise é uma moeda de duas faces: a terapêutica e a investigativa.

Mezan (2014) explica que Freud defendia a cientificidade da psicanálise pelo estabelecimento de um método que posteriormente se convencionou chamar de método clínico. Freud examina os processos psíquicos em ação numa análise com o objetivo de diferenciá-los da mera sugestão. Entretanto, essa concepção de método para tão amplo objeto de estudo já sofreu numerosas críticas. Para os positivistas lógicos, segundo Mezan (2014) a psicanálise não seria ciência, pois não tem conceitos com os quais se possa operar e os quais se possa verificar através do método experimental. Os críticos popperianos afirmam que psicanálise não é ciência por não ter enunciados que possam ser falseados. E Grunbaum, para Mezan o crítico mais tenaz, afirma que o método psicanalítico não é consistente epistemologicamente, estando viciado na origem, uma vez que a consistência da psicanálise

dependeria da credibilidade das associações livres, que teriam que estar isentas da sugestão do analista — porém, para Grunbaum, tal isenção seria impossível em razão do estabelecimento da transferência, por sua vez condição *sine qua non* de realização da análise.

Ainda assim, as críticas foram refutadas, principalmente com a defesa da análise de caso único como instrumental relevante e científico para fazer avançar os conhecimentos em psicanálise. Além disso, como lembra Mezan (2014), não somente o método experimental obedece a critérios e rigores científicos. Outros métodos podem seguir critérios rigorosos e ter valor científico. E assim é necessário para o estudo dos fenômenos humanos, uma vez que estes não obedecem aos mesmos padrões de análise que os fenômenos da natureza. O autor lembra que “há entre o humano e o natural uma diferença ontológica, e para a respeitar é necessário o emprego de métodos diversos no estudo de cada uma dessas regiões do real” (Mezan, 2014, p. 550).

Lagoas (2016), ao tratar do problema da percepção na Psicanálise, explica que a ciência moderna, ao se desenvolver em torno da formalização lógico-matemática, colocou a percepção sensível numa posição antagonista à objetividade científica, um obstáculo à clareza de resultados. Segundo o autor, a influência que Descartes exerceu na ciência moderna rejeita o campo da experiência imediata em busca da verdade científica absoluta. A experiência imediata, obtida diretamente da percepção, traria à ciência a mácula da subjetividade. Uma grande problematização, portanto, da Psicologia e da Psicanálise enquanto ciências, se pensadas de acordo com a inspiração cartesiana. Entretanto, para o autor, a novidade do inconsciente trazida por Freud exigia a invenção de um aparato conceitual que desse conta da descoberta.

Dunker (2008), numa análise que confronta o conceito cartesiano de método e a psicanálise enquanto ciência, fala da tensão entre o universal e o particular que se estabelece na proposição do método psicanalítico como científico. O discurso científico na perspectiva

estritamente positivista aspira ao universal, e como tal, tem a generalização para populações maiores como objetivo. Entretanto, Dunker (2008) explica que Descartes, ao fundar a noção moderna de método, o fez num texto intitulado "Meditações", palavra que remete a introspecção individual, a singularidade. A singularidade está relacionada ao conceito de experiência, noção que, segundo o autor, é constituída de pluralidade, contingência e singularidade. São esses atributos, próprios da experiência, que perpassam a noção de clínica, e partir daí, o aspecto científico da psicanálise.

Dessa forma, do ponto de vista do método, é a partir do campo psicanalítico que serão interrogadas as relações entre a perspectiva foucaultiana e a perspectiva psicanalítica da sexualidade, ainda que a elaboração seja teórica, do ponto de vista da metapsicologia.

1. Sexualidade e Psicanálise

Segundo alguns autores críticos da sexualidade enquanto dado natural, o olhar do ser humano sobre si enquanto sujeito de sexualidade foi algo paulatinamente forjado ao longo da história, pela influência de diversos sistemas de pensamento (Cecarelli & Salles, 2010; Giddens, 1993; Laqueur 2001). Promovendo uma revolução em torno do tópico sexualidade, Freud, no começo do século passado, introduz ao mundo a Psicanálise, apontando o desejo sexual como algo da constituição do sujeito. Suas ideias sobre sexualidade expostas em Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade revelam algo da concepção da época sobre sexo e patologias sexuais (Freud, 1905/2016). Porém Freud rompe com o discurso de aberrações sexuais das sexualidades fora da norma hegemônica, apontando-as como alternativas possíveis de constituição psicosexual (Lionço, 2006). O essencial sobre sexualidade em Freud e na psicanálise que lhe seguiu foi apontar que o sujeito é sempre desejante, no sentido de que a libido é a força motriz da sua vida.

A gênese e a constituição da sexualidade humana, para Freud, teriam acontecido a partir de tabus e interdições. A civilização humana seria resultado de uma renúncia pulsional

(Freud, 2010 2012; Quinet, 2009). Ou seja, a repressão da sexualidade estaria na origem da própria formação do ser humano.

Dentro desta ótica de apontar a sexualidade como instância reprimida, a psicanálise, em certa medida, rompeu com o discurso patologizante das perversões, do “anormal” na sexualidade. Isso aconteceu na medida em que a perversão deixou de ser uma característica do outro anormal e passou a ser algo passível de existir em qualquer inconsciente.

Para Freud, a disposição natural do ser humano é bissexual. Não haveria uma correspondência psicológica à dualidade sexual biológica. Para ele, o indivíduo quer satisfazer, na sua vida sexual, tanto os desejos masculinos quanto os femininos, pois o indivíduo corresponderia à fusão destes dois elementos. Porém, há que se preparar para a possibilidade de que as exigências sexuais não sejam cumpridas pelo mesmo objeto e que interfiram umas com as outras, “quando não se consegue mantê-las separadas e conduzir cada impulso por uma trilha especial, apropriada para ele” (Freud, 2010, p. 71).

Ou seja, a heterossexualidade, a homossexualidade e as demais identidades sexuais são posições libidinais que o sujeito alcança dentro da particularidade de sua história. O discurso social constrói as referências simbólicas do masculino e do feminino e define a “sexualidade normal” (Cecarelli, 2008). Para McDougall (2001, p. XII), “a obrigação de chegar a um acordo com o destino monossexual de cada um constitui uma das mais graves feridas narcísicas da infância”.

Van Haute e Geyskens (2016) afirmam que Freud, no início do século XX, quando ainda teorizava sobre o caso Dora, apontava a bissexualidade e o recalque orgânico como determinantes da dinâmica da histeria, dando ênfase no caráter polimorfo e perverso da sexualidade, em uma perspectiva patoanalítica da existência humana. Patoanálise no sentido de tomar a psicopatologia como posição inicial de uma antropologia da existência psíquica

humana, desconstruindo a oposição entre "normalidade" e "patologia" e reconstruindo-a a partir de outras bases (Van Haute, 2017).

Os autores partem do caso Dora e do caso da jovem homossexual (Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina) para explicar como Freud transitou da patoanálise psicanalítica para uma perspectiva patologizante do ser humano, como efeito da introdução do complexo de Édipo na teoria. Assim, a partir de um certo ponto do seu desenvolvimento teórico, Freud teria se alinhado a uma psicologia pacificadora e normalizadora, ao introduzir o complexo de Édipo como cerne das neuroses. A partir daí a bissexualidade é, crescentemente, deslocada para uma posição de menor importância.

O Édipo, para Freud, é o ponto de entrada do ser humano na sociedade, é o momento de adequação da criança ao princípio da realidade. Freud (1924/2011). a ele se refere como "o fenômeno central do período sexual da primeira infância". É a solução de Freud para a problemática da filiação (Birman, 1999), elemento estrutural da subjetividade (Van Haute & Geyskens, 2016). A partir do mito do Édipo-Rei, a que Freud (1899/2001, 1913/2002) se refere em A Interpretação dos Sonhos e da sua teorização sobre o parricídio e a proibição do incesto como mola propulsora da civilização, o autor, inicialmente ancorado na biologia, propõe que o primeiro investimento libidinal do ser humano se dirige à figura da mãe, tendo a figura do pai como antagonista, por ser aquela que a criança enxerga como rival pela atenção e afeto da mãe. A partir do Édipo a criança se depara com a diferença sexual e se percebe como castrada, ou teme a castração, num conflito narcísico cuja dissolução é condição para um desenvolvimento psíquico saudável (Freud, 1924/2011).

Mezan (1990, p. 458) se refere ao Édipo como "a mais decisiva transformação da história de cada indivíduo", pois é a que o constitui enquanto sujeito capaz de reconhecer a si mesmo e ao objeto de seu desejo na realidade social e reconhecer também os limites que não pode transpor para exercer este desejo. Birman (1999), no mesmo sentido, explica que é pelo

Édipo que o sujeito transforma o registro do eu ideal no ideal do eu, superando uma onipotência inicial, uma fantasia originária de completude em prol da aceitação da castração. Para o autor, o complexo de Édipo "impõe ao sujeito a sua inscrição num sistema de filiação e de reconhecimento do outro" (Birman, 1999, p. 50).

Segundo Van Haute e Geyskens (2016), de 1920 em diante Freud gradativamente insere o complexo de Édipo como solução última das diversas neuroses, em detrimento da bissexualidade originária. Para esses autores, Freud assume um ponto de vista teleológico, tirando o espaço das discontinuidades teóricas em prol de um sentido unívoco retroativo, ou seja: ele retoma teorizações anteriores e atribui ao Édipo a ferida originária causadora das neuroses. A histeria de Dora, por exemplo, dona de uma "libido polimorfa, perversa, bissexual e ateleológica" (Van Haute e Geyskens 2016, p. 68) deixa de figurar como exacerbação de características próprias do ser humano e passa a integrar uma patologia que inexistiria com uma triangulação edípica sem percalços.

Assim, seria possível, na leitura de Freud feita por Van Haute e Geyskens (2016), um desenvolvimento subjetivo não-neurótico, caso o indivíduo consiga superar de forma "saudável" sua fase edípica. Dessa forma Freud defenderia a normalidade em contraposição à neurose, ao invés de admitir a neurose como uma forma exacerbada de características que fazem parte de ser humano. Os autores defendem inclusive que a inserção do complexo de Édipo na teoria psicanalítica por Freud parece fazê-lo sustentar que a sexualidade deveria ser compreendida a partir de uma pulsão heterossexual.

Lacan, em sua releitura freudiana, se despe da visão biologizante de Freud sobre o complexo de Édipo, levando o conceito a outro patamar. Segundo Quinet (2009, p. 14), a clínica dos discursos de Lacan investiga tanto o Édipo enquanto condição estruturante do sujeito, que tem que se haver com o próprio desejo e com o gozo do Outro, quanto a inserção do conceito nos discursos, na relação com a figura do mestre, "com o saber, com o outro do

laço social, com o mais-de-gozar, ou seja, os objetos pulsionais excluídos da civilização, e sua posição com respeito ao gozo".

Lacan coloca a ideia de algumas tríades para resumir suas teorizações sobre o ser humano, a sexualidade e a subjetividade, que vão muito além da sexualidade no sentido estrito do termo. O autor coloca primeiramente a tríade mãe, criança e falo, explicando que “existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo, que a criança simboliza ou realiza mais ou menos” (Lacan, 1995, p. 60), ou seja, o falo como objeto imaginário já se impõe a partir do surgimento da criança e sua imersão na cultura. O falo, para Lacan, é o significante primordial de uma satisfação impossível na ordem simbólica (Lacan, 1995; Van Haute & Geyskens, 2016).

O ponto-chave para a diferenciação entre a constelação edípica freudiana e a lacaniana parece ser a primazia do simbólico, e a inserção do complexo de Édipo em uma teoria psicanalítica da linguagem. Van Haute e Geyskens (2016) relatam que Lacan propôs considerar a descrição do Édipo por Freud como um sonho que deve ser interpretado. Assim, na concepção lacaniana, o mito do Édipo não se refere à mãe como objeto último de desejo da criança, que fantasia o parricídio; se refere à figura do mestre e sua castração estrutural. Se refere à distinção entre desejo e demanda, sendo a castração a impossibilidade de se conseguir o desejo, buscado sucessivamente por demandas que nunca se igualarão ao desejo em si. Para Lacan, a triangulação edípica é a confrontação do sujeito com a verdade do mestre, e essa verdade é que o mestre é castrado (Lacan, 1992; Van Haute & Geyskens, 2016, Quinet, 2009). O mestre castrado substitui o pai assassinado do mito, e o desejo da mãe é o desejo de saber e a impossibilidade de esse saber coincidir com a verdade (Van Haute & Geyskens, 2016).

Assim, o falo, significante-mor da falta, pode representar vários objetos de desejo, que assumiriam um significado fálico. Ou seja, tal objeto (para Van Haute e Geyskens, qualquer

objeto, a princípio) com significado fálico apareceria para o sujeito como capaz de promover a satisfação do desejo. Mas o desejo não pode ser satisfeito. Talvez a demanda, não o desejo. O falo é, assim, "significante de uma falta irremovível no simbólico: o objeto capaz de satisfazer o desejo é, na realidade, irrecuperável" (Van Haute & Geyskens, 2016, p. 150).

A castração faz parte de outra tríade definidora de teorizações lacanianas, o trio Castração, Frustração e a Privação Real, explicado em conjunto com a tríade do Real, Simbólico e Imaginário. A castração, dívida simbólica, se relaciona com o imaginário, e tem como objeto central, o falo. A frustração, relacionada com o real, definida como um conjunto de impressões reais vividas pelo sujeito num momento de relações primitivas, num início de desenvolvimento, em que sua principal relação é com o seio da mãe (Lacan, 1995). E a privação, relacionada com o simbólico, pois o objeto da privação é objeto simbólico, uma vez que "para que o sujeito apreenda a privação, é preciso inicialmente que ele simbolize o real" (Lacan, 1995, p. 56).

O sujeito histórico, para Lacan, personifica a tensão constante entre demanda e desejo trazida com a passagem pelo Édipo. O caso Dora é um exemplo de sujeito que "ama por procuração", separando demanda e desejo de forma que o desejo nunca seja satisfeito. Inicialmente Lacan colocou o problema da histeria em direta ligação com a dificuldade feminina de se ver como objeto de troca para satisfação do desejo do Outro. A histérica deseja o objeto que significa falicamente, mas não suporta se ver como objeto na estrutura patriarcal. Entretanto mais à frente Lacan desenvolveu o conceito do Édipo diante das fórmulas de sexuação, que supõem facetas masculinas e femininas, posições que o sujeito linguístico assume tendo o falo como referencial (Van Haute & Geyskens, 2016). Diante das fórmulas de sexuação Lacan (1993) estabelece uma tensão entre um lado masculino e um lado feminino que se articula nos termos de um gozo feminino, não-fálico. Dessa forma, para Van Haute e

Geyskens (2016) ele reinsere o destaque à problemática da bissexualidade, possibilitando uma visão despatologizante da Psicanálise.

Assim, a sexualidade é, para a psicanálise, elemento fundamental da constituição psíquica do sujeito, e por isso é objeto de amplo arcabouço teórico no campo da teoria psicanalítica. Foucault, entretanto, contesta essa produção de saberes acerca do sexual por parte da psicanálise, afirmando ser a disciplina mais um meio de produção de discursos sobre a sexualidade; mais um meio de inscrição da sexualidade em uma ciência do sexual que busca restringir e padronizar a vivência da sexualidade pelo ser humano (Foucault, 2009).

2. Sexualidade e Foucault

Antes de dedicar três volumes à exposição de sua concepção da história da sexualidade, Michel Foucault empreendeu um longo estudo acerca do surgimento da loucura na sociedade moderna. Impulsionada pelo cristianismo e por instituições de controle social, a loucura foi finalmente capitaneada pelo saber-poder psiquiátrico nos séculos XVIII e XIX. Nessa perspectiva, parte da pesquisa foucaultiana consistiu em demonstrar como se construiu e se desenvolveu a "normalidade" e a "anormalidade", e como essa (a)normalidade esteve e está associada à sexualidade (Foucault, 1975, 2001, 2003, 2004, 2009).

Ademais, as reflexões de Foucault procuram esclarecer o motivo pelo qual a sexualidade em si é um tema de interesse na modernidade, e por que a homossexualidade, a heterossexualidade, e outras categorias sexuais são construtos em torno dos quais construímos a nossa identidade. Para ele, a sexualidade é um dispositivo histórico que representa tanto uma rede de superfície de estimulação de corpos e intensificação de prazeres, quanto uma rede de incitação ao discurso, de formação de conhecimentos e de reforço dos controles e das resistências (Foucault, 2009).

Essa rede de incitação ao discurso sexual teria começado, segundo o autor, com a prática da confissão do pecado de luxúria a partir do século XVI, num prolongamento do

controle da Igreja sobre o erotismo, que até então se concentrava no aspecto relacional da sexualidade. Ou seja: até então a Igreja procurava controlar os sujeitos das relações sexuais, coibindo as relações extraconjugais e homossexuais, por exemplo. O século XVI se revelou um período em que a expiação dos pecados não passava mais pela penitência voluntária do pecador, que, outrora, sem a necessidade de relatar seus pecados, podia partir em peregrinação como forma de compensar as próprias iniquidades. A Igreja, consolidando ainda mais seu poder na sociedade, passou a exigir como expiação dos pecados a confissão deles perante um padre, a quem caberia a prescrição da penitência. (Foucault, 2004, 2009).

Com a percepção de que o sexo que a Igreja tentava coibir se originava do pecado capital da luxúria, as confissões, que se fortaleciam cada vez mais como instrumento de regulação da vida cotidiana pela Igreja, incluíam um minucioso auto-exame do próprio corpo do confessor. As relações sexuais proibidas deixaram de ser o foco da regulação eclesiástica. O principal elemento passou a ser a revelação de si: os próprios pensamentos, prazeres, desejos, gestos, sentidos, todos proibidos, todos originários do pecado cuja expiação dependia da meticulosa confissão (Foucault, 2001, 2004, 2009). Para Foucault, o antigo exame que, na confissão, explorava as interdições sexuais, era uma enumeração das relações permitidas e proibidas. Para o autor, o novo exame é um percurso do corpo, uma “anatomia da volúpia” (Foucault, 2001, p. 236).

Está aí a origem, para Foucault, do corpo de desejo e de prazer, os primeiros sinais da incitação à sexualidade como subjetividade. Incitação porque, ao reprimir os desejos da carne a Igreja jogou luz em um jogo de resistências que, para existir, exigia mobilizar o próprio desejo, para confessá-lo ao padre face à penitência. Não à toa, Foucault chamou esse mecanismo de “penitência analítica” (Foucault, 2001, p. 293). Era uma penitência que exigia pensar em si como sujeito de desejo, examinar a manifestação desse desejo no próprio corpo, confessá-la e receber a pena e o perdão divino por intermédio do padre.

O ápice da exteriorização do corpo de desejo e prazer desmesurado, se revelou numa nova manifestação corporal, a figura da convulsão. Segundo Foucault, a tecnologia cristã de controle do corpo desejante —cuja manifestação exacerbada era o corpo convulsivo — se imiscuía e se multiplicava nos estabelecimentos de ensino, seminários, internatos, escolas etc. (Foucault, 2001, 2009). Era um controle difundido no corpo social. E assim, com a mudança do foco para as “tentações da carne”, uma nova figura surgia, segundo Foucault (2001), no rol dos anormais: a figura do masturbador. A masturbação era a tentação primeira, a porta de entrada para a concupiscência, e como tal, passou a ser controlada na infância e na adolescência, onde poderia ser reprimida aos primeiros sinais de surgimento.

É importante enfatizar, entretanto, que esse controle que antes se balizava na confissão total ao padre durante os séculos XVI e XVII, deu lugar, nos séculos XVIII e XIX a um controle mais silencioso entre os jovens, de forma a não despertar o desejo à alusão a ele numa confissão. Segundo Foucault (2001, 2009), passou-se a falar o mínimo possível sobre sexo e masturbação, mas tudo na disposição dos lugares e das coisas — a posição das cadeiras e mesas nas escolas, das camas nos quartos e dormitórios, por exemplo — buscava evitar os riscos desse corpo do prazer “Dizer dele o menos possível, só que tudo fala dele” (Foucault, 2001, p. 295).

Em meio a essa fiscalização silenciosa do desejo sexual entre os jovens pela Igreja cresce a relevância dessa nova figura da anormalidade, abraçada pelo meio científico da época como causa tanto de uma doença total do corpo como da maior parte das doenças, não somente venéreas: a masturbação. Já objeto de fiscalização e silenciamento pela Igreja, a masturbação passa a integrar o discurso médico no século XVIII, como bode expiatório da doença humana. Segundo Foucault (2001), esse foi um momento diferente do discurso contra os prazeres da carne e da posterior psicopatologia sexual. Foi um século de patologização da masturbação com um discurso que baseava a reprimenda em advertências, aconselhamentos,

imposições. Um discurso que atribuía efeitos somáticos à masturbação, que lhe imputava a causa de vários males do corpo, e era por si só uma causa geral de debilidade corporal extrema.

E como a masturbação é um ato solitário, o único culpado por seus males, portanto, deveria ser o próprio doente. A culpabilidade desse doente é atenuada pelo fato de que a masturbação, segundo o discurso da época, surge na infância, e já na infância deve ser coibida. De qualquer forma, ainda que seja do adulto e das instituições de controle o dever de impedir a masturbação infantil, pela primeira vez a infância é acusada de “responsabilidade patológica” (Foucault, 2001, p. 306). Pela primeira vez a infância é foco de uma atenção repressora, é o ponto inicial de onde surge a moléstia posterior. E a masturbação, juntamente com a sexualidade, se torna causa do que não é explicável na doença humana.

À proteção do novo ponto focal da mazela humana — a criança, é destinada a família nuclear, que Foucault (2001, 2009) chama de família nuclear incestuosa que se junta aos estabelecimentos de controle (escolas, colégios, seminários etc.) nessa cruzada contra a recém descoberta sexualidade infantil. Como de início é formulada a teoria da sedução infantil para explicar a masturbação na infância, quanto menos agregados à família que cerca a criança, melhor. Quanto menos agregados, menos adultos que despertarão na criança o desejo que leva à masturbação. Assim, segundo Foucault (2001), os intermediários deveriam ser eliminados e o corpo dos pais se aplicava ao corpo dos filhos.

Há toda uma nova exigência de reorganização do espaço familiar, para torná-lo tanto mais nuclear e sexualmente asséptico quanto for possível. Essa vigilância seria apoiada pelo médico, a quem caberia o tratamento e para quem seriam dirigidos os relatos sobre o próprio estado de morbidez, uma vez que à família caberia fiscalizar mas não caberia ouvir, de forma que a assepsia sexual no ambiente familiar pudesse ser mantida (Foucault, 2001). Assim, a medicina ganha mais uma instância de controle, monopolizando, ou quase (ainda havia

grande ingerência da Igreja) a credibilidade sobre o saber sexual, a legitimidade como oponente na cruzada anti-masturbação infantil.

Nesse ponto, cabe retroceder um pouco e examinar o aparecimento, na perspectiva foucaultiana, de outra figura da subjetividade humana: o instinto. Para Foucault (2001, 2009), trata-se de explorar as condições de aparecimento e desenvolvimento do uso sistemático do conceito de instinto no interior de uma produção discursiva. Para ele o instinto é a emergência de um conjunto de objetos novos que vão ser nomeados, definidos e integrados ao discurso psiquiátrico do século XIX, e que correspondem aos “impulsos, às pulsões, às tendências, às propensões, aos automatismos” (Foucault, 2001, p. 164). O instinto teria aparecido para preencher uma lacuna tanto médica quanto jurídica, que buscava explicar a causalidade de atos disruptivos do meio social.

Até então a figura mor do desatino era o discurso delirante (Foucault, 2001). A nova noção jurídica de instinto, também uma nova instância de conhecimento do saber psiquiátrico, preenche lacunas e traz um novo entendimento à dicotomia normal/anormal. A anormalidade passaria a estar associada aos instintos fora de controle e irrompidos em horas impróprias. Ou seja, ter o instinto por si só seria sadio; a patologia estaria no descontrole instintual. Para Foucault (1975, 2001) a psiquiatria se apropriou desse sistema de informações que proporia uma economia instintual da normalidade, consolidando sua tecnologia de saber-poder.

É dessa forma que, em meados do século XIX, a psiquiatria rompe um paradigma, deixando de exercer o diagnóstico do delírio, da ilusão, do erro, para exercer o diagnóstico dos transtornos do instinto (Foucault, 1975, 2001). Nessa nova perspectiva o delírio ainda integrava a sintomatologia da doença mental, mas ajustado à análise dos jogos do instinto e do prazer. O que regia a psiquiatria deste século, segundo Foucault (2001), era a mecânica dos instintos e a economia do prazer, e é nesse sentido que figuras como os delírios persecutórios, os delírios de posse e a erotomania aparecem na cartografia do anormal do século XIX.

A ascensão do poder psiquiátrico no mundo ocidental se dá, segundo Foucault (2001), pela patologização do que a pastoral cristã organizava como carne. Procurando dar conta do fenômeno das convulsões — manifestações extremadas do corpo de desejo e prazer — a Igreja o delega à medicina. Para Foucault (2001) é a partir desse fenômeno da convulsão que a medicina começa a se firmar como saber máximo em torno da sexualidade humana. Saber com pretensões científicas e que deixou de lado o objetivo da cura para exercer uma função de controle social, de proteção da sociedade contra o que própria psiquiatria classificava de anormal.

A psiquiatria se consolida, assim, como um campo de conhecimento aliado à normatização de condutas, à categorização do que é normal e do que não é, do que é patológico e do que é sadio, segundo seus próprios critérios. Para Foucault, a psiquiatria “abandonou ao mesmo tempo o delírio, a alienação mental, a referência à verdade e, enfim, a doença. O que ela assume agora é o comportamento, são seus desvios, suas anomalias” (Foucault, 2001, p. 392).

Dessa forma, a psiquiatria parece assumir uma função de higiene pública, codificando, segundo Foucault, o perigo social como doença. No século XIX a figura que teria cumprido essa função de patologizar um “perigo social” é a teoria da degeneração. Para Foucault (2001, p. 141) a teoria da degeneração “é a peça teórica maior da medicalização do anormal” O degenerado não porta meramente uma doença: porta uma anomalia. E essa anomalia cruza o campo da sexualidade. Para Foucault (2001, 2009), a teoria da degeneração foi a maneira pela qual a psiquiatria, diante do novo campo do instinto ligado à imaginação e ao prazer, criou um conceito geral de patologia que lhe permitia percorrer o domínio da vida humana atribuído a si pela engrenagem do poder. A psiquiatria passa a poder referir-se a qualquer desvio como um estado de degeneração, aumentando assim a própria capacidade de ingerência nos comportamentos humanos.

A degeneração é a tradução do anormal, anormalidade cuja origem estava na sexualidade (Foucault, 2001). É a época em que a sexualidade torna-se objeto de delimitação, estudo e definição no discurso psiquiátrico (Foucault, 2001, 2009). Em "História da Loucura na Idade Clássica" Foucault afirma que nossa cultura colocou a sexualidade na "linha divisória do desatino", (Foucault, 1975, p.102) no limite entre a sanidade e a degradação associada à loucura. Para o autor, a Psicanálise viu acertadamente que a loucura se firma no cerne de uma sexualidade "perturbada", mas apenas na medida em que nossa cultura integra a sexualidade num sistema de coações que a associa ao desatino.

A psicanálise na perspectiva foucaultiana é, pelo menos inicialmente, um prolongamento das noções sobre loucura e sexualidade vigentes no século XIX. Um desenvolvimento, em termos próprios e reformulados, de um intrincado processo de subjetivação. Um processo que começou a tomar forma com a prática de confissão dos séculos XVI e XVII, a regulação do corpo de prazer a partir daí e nos séculos XVIII e XIX, e a assunção, pelo corpo teórico da psiquiatria, do principal saber em torno da sexualidade infantil, do instinto como origem da anormalidade e da patologia que justificava a anormalidade, a degenerescência.

Assim, para Foucault, a psicanálise como disciplina faz parte do contexto científico no qual nasceu: utiliza o instinto – ou a pulsão – como elemento de explicação do humano e retoma a problemática da sexualidade como fator chave de funcionamento da subjetividade. Para o autor, a Psicanálise é uma “grande tecnologia da correção e da normalização da economia dos instintos” (Foucault, 2001, p. 167). Foucault associa à Psicanálise um caráter determinista, uma vez que Freud, ao tentar apagar a divisão entre normal e patológico, estabelece normas, regras e um sistema. Para ele, o saber estruturado em regras e sistema é próprio da cultura ocidental no último século, numa transição de uma análise feita em torno das funções, conflitos e significações para uma análise normatizadora. (Foucault, 1999).

A libido freudiana, que, segundo Foucault (1975), seria matéria bruta da evolução, estopim do desenvolvimento social e individual, é posta pelo autor como mito. Um prolongamento da noção de instinto que vigia no saber médico da época. O Édipo, para Foucault, era uma tragédia que encenava as práticas dos testemunhos e sua relação com a verdade e com o poder (Foucault, 2005b), não a triangulação de desejos humanos fundamentais. O que Foucault apreendeu dessa tragédia grega o fez da perspectiva de historiador: a tragédia de Édipo encena práticas sociais e jurídicas de obtenção da verdade. Para ele, a representação da tragédia na perspectiva psicanalítica tem uma função: estabelecer e consolidar uma relação de poder sobre os indivíduos que regula e contém o desejo em uma estrutura pré-estabelecida. O complexo de Édipo na Psicanálise para Foucault é instrumento de normatização, de padronização social (Foucault, 2005b).

Assim, para Foucault, o desejo não antecede o discurso: o desejo na sociedade moderna se origina do discurso. A prática de auto-confissão teria moldado o psiquismo de tal forma que o sujeito passou a ver a si mesmo como sujeito de sexualidade. A psicanálise viria na esteira dessa nova percepção sobre sexo, lhe imputando mais discursos, mais técnicas, ou oportunidades, de confissão de si e de assunção de si como um sujeito sexual e desejante.

A respeito da confissão Foucault (2009) afirma que o procedimento se tornou tão profundamente incorporado na prática ocidental que não é percebido como “um poder que coage” (Foucault, 2009, p. 58). Parece que a verdade, para revelar-se, basta ser extraída de si, como se lá sempre estivera, como se fora natural obtê-la atrás do exame pormenorizado de si e da confissão. E se a verdade não se revela facilmente, está tolhida por bloqueios, pela violência de algum poder que pesa sobre ela, à custa somente de liberação.

Dessa forma, a sexualidade moderna, para Foucault, é um conceito elaborado na discursividade. Não somente no que se diz, mas no que se cala. Para o autor a sexualidade é um dispositivo forjado a partir da confissão de si, do reconhecimento de um sexo que deve ser

regulado, contido, e para se regular e se conter, tem que ser examinado, questionado, provocado. Tanto que ele rejeita a hipótese freudiana da repressão sexual: para ele, não é que estejamos sob a égide da repressão sexual; não é a sexualidade a origem de tantos males sociais. Para Foucault o problema viria antes da própria suposta repressão sexual: o problema viria da criação de um “dispositivo do sexo”, que o estuda, o dissecar, o normatiza, o psicologiza/psiquiatrizar, e com tudo isso, o torna objeto. Para Foucault, o sexo na modernidade surge como simbolização. Foucault diz que é uma estratégia que a tudo sexualiza, de forma tal que não só o sexo é vigiado e regulado, mas sobretudo torna-se fonte da inteligibilidade de nosso ser (Foucault, 2009). Essa é a maneira pela qual a sexualidade teria surgido como dispositivo de constituição de identidade.

Nos volumes seguintes da "História da Sexualidade", o "Uso dos Prazeres" e "O Cuidado de Si", Foucault analisa o que é hoje a sexualidade em dois cenários da antiguidade, anteriores às práticas da confissão cristã. Nesses cenários a sexualidade é um construto não unívoco, fragmentado entre tópicos diversos da existência humana em suas relações sociais.

Em o "Uso dos Prazeres" (Foucault, 1998) ele explica como o sexo integra uma "estética da existência" no campo do regime do próprio corpo, da relação conjugal e da relação homossexual, em prescrições que recomendam não o veto, mas a temperança, como forma de viver de acordo com uma conduta moral ideal. Ou seja, uma tese diferente daquela que originou a posterior regulação cristã do sexo séculos depois, uma vez que as reflexões morais da Antiguidade grega não tinham um cunho proibitivo, e eram direcionadas a homens livres.

O foco na interdição é próprio da reflexão moral cristã. Tampouco seriam teses antinômicas, uma vez que a filosofia grega apresenta tanto exemplos de glorificação do prazer como bem supremo –Eudoxo-- quanto exemplos de condenação do atos sexuais -- Euspesipo

e Areteu (Lagoas, 2013). O "saber de si" mais recente e o uso dos prazeres da antiguidade greco-latina, seriam, assim, reflexões morais sem parentesco direto entre si.

Já no Volume III, "O Cuidado de Si", Foucault (2005a) se debruça sobre textos prescritivos do início da era cristã para demonstrar como as formas de subjetivação ligadas à sexualidade implicavam em um trabalho de si, um cuidado ético consigo mesmo que exigia ponderação das atividades sexuais e seus efeitos sobre o organismo, sobre o casamento, sobre as relações homoafetivas. A sexualidade nesta obra é abordada como um vetor de construção de uma subjetividade, um atributo do homem que orienta práticas sociais e de bem-estar consigo mesmo. Uma "arte da existência dominada pelo cuidado de si" (Foucault, 2005a, p. 234).

Assim, para Foucault, a sexualidade moderna da forma como é estudada e vivenciada hoje em muito se afastou das concepções delineadas nos Volumes II e III da História da Sexualidade. A subjetividade humana ocidental passou pela vivência de uma sexualidade em torno da temperança do uso dos prazeres, do cuidado de si e, finalmente, obteve um sentido unívoco que fez dela definidor de identidade.

Discussão: confrontos ou conciliações possíveis entre Foucault e a Psicanálise no campo da sexualidade

Não há dúvidas de que Freud, com a concepção de inconsciente e a criação da psicanálise, causou grande impacto nas concepções sobre a sexualidade humana. O arcabouço teórico defendido por Freud acerca da sexualidade é algo tratado como descoberta (Green, 2000). Porém Foucault afirma que a teorização de Freud é uma continuação lógica da elaboração da sexualidade enquanto discurso, em um contexto no qual Igreja e Medicina já atuavam (Foucault, 2009).

Mezan, ao abordar o conflito entre psicanálise e estudos históricos, afirma que “a psicanálise sustenta que tudo que é humano traz a marca do inconsciente” (Mezan, 1999p. 61), enquanto seus opositores a acusam de reducionista. Ele diz então que

o debate faz pensar no impossível duelo entre a baleia e o urso polar de que fala Freud no Homem dos Lobos: como cada um dos contadores permanece em seu elemento, o gelo ou a água, o afrontamento jamais pode se verificar, muito embora os rugidos de um e de outro possam fazer crer que a luta é de vida ou de morte” (Mezan, 1988, p. 62).

A psicanálise seria um estudo de como a cultura atravessa pulsões das quais o ser humano é constituído. Segundo Mezan (1988 p. 63) para Freud “o homem se define pelo conflito que o constitui, conflito cujos pólos são o desejo e a defesa contra o desejo”. A psicanálise teria que explicar “como e por que existem na psique humana conteúdos universais e independentes de variáveis como a época, o lugar e a formação social” (Mezan, 1988, p. 63), ou em outras palavras, por que a constelação edípica é universal. Universal no sentido de atravessar variadas culturas, num cenário em que cada forma de cultura é singular quanto à maneira como exerce a constelação edípica.

Esse estudo empreendido pela psicanálise, da pulsão e da forma como a pulsão interage com a cultura, não é abordado diretamente por Foucault. O filósofo não critica a verdade da psicanálise, não refuta o que seus postulados defendem. Foucault afirma tentar esboçar uma arqueologia da psicanálise. Na visão de Mezan (1988) ele não atinge esse objetivo, conseguindo, talvez, delinear uma genealogia da psicanálise. Para o autor, a verdade que a psicanálise tenta buscar é colocada entre parênteses por Foucault, enquanto este descreve as condições que tornaram possível o surgimento da disciplina.

Assim, embora a sexualidade seja o vetor principal nesse mergulho foucaultiano nas práticas de vivência e concepção do sexo, o protagonista do primeiro volume da História da Sexualidade é na verdade o Poder, ou o Poder-Saber (Birman, 2000; Mezan, 1988). Já nos demais volumes a noção de subjetivação através do sexo dá a tônica da teoria. O próprio

Foucault afirma que sua pretensão foi obter uma história da Verdade (2005a), e por meio dela, descobrir como o homem veio a se configurar como sujeito desejante.

Dessa forma, para Mezan (1988), Foucault descreve a concepção psicanalítica da sexualidade à custa de reduções que apontam para a conclusão geral da teoria de poder que descreve por meio de sua história da sexualidade. Segundo o autor, Foucault afirma que a psicanálise é mais uma prática discursiva, mas não analisa a maior especificidade do discurso psicanalítico, que é a análise do inconsciente e da transferência. A ótica foucaultiana teria reduzido, ainda, a psicanálise à obra de Freud e a obra de Freud a uma teoria da sexualidade. E uma terceira redução foucaultiana seria ter incluído a psicanálise nas disciplinas que fazem uso da confissão como tecnologia de si.

Assim, acerca da visão psicanalítica da sexualidade em confronto com a teoria de Foucault, Mezan (1988) afirma que para Foucault a concepção de sexualidade tem como principal domínio o corpo. O corpo, primeiro como objeto de ética e estética, depois como objeto de ascese e finalmente como vetor de um discurso de si normalizador que viria a moldar a subjetividade do homem moderno. Porém o autor relembra que "a Psicanálise não considera a sexualidade como entidade corporal; ela tematiza uma psicosexualidade, e para isto trabalha com a noção de inconsciente" (Mezan, 1988, p. 210), o que parece ser fundamental para a compreensão da heterogeneidade entre os estudos de Foucault e de Freud.

Também não se pode deixar de destacar que a teoria psicanalítica do ponto de vista de Lacan expande e reformula muitas das noções até então defendidas pela psicanálise. O ponto chave da teoria lacaniana é uma concepção própria da constituição do sujeito, como resultado da formação da imagem de si através do estágio do espelho e de sua inscrição na cultura (Mezan, 2014). A sexualidade integra essa concepção como característica constituinte do ser humano, mas não é a protagonista da teorização. Ao aparecer como "pulsão" entre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (Lacan, 1995) compõe a psicosexualidade, ou seja, é

uma intersecção entre o somático e o psíquico, um ponto de junção entre Real e Simbólico. É mais que discurso, mais que sensação física, mais que sua transmutação na cultura. Parece escapar à noção foucaultiana de sexualidade.

Também é problemático, na visão foucaultiana exposta em *A Vontade de Saber*, a inclusão da psicanálise como doutrina ancorada na prática confessional. Isso, porque com a livre associação e a atenção flutuante do analista a ideia é diluir a “atmosfera confessional, cujo fundamento é a fantasia de que o paciente sofre porque é culpado, e que o analista, ao descobrir a causa do seu sofrimento, pode absolvê-lo desta culpa” (Mezan, 1988, p. 211). A fantasia de confissão é, para Mezan, mais uma das modalidades de resistência, entrave à verdade do sujeito na prática psicanalítica.

Em compensação, a colocação da sexualidade como elemento identitário preponderante através do discurso de si e das práticas de subjetivação dos últimos séculos é um argumento precisamente corroborado por Foucault, e difícil de refutar. A hipótese repressiva da sexualidade foi muito bem contradita, pois o sexo parece se inscrever em uma figura mais ampla na história humana como produtor de subjetividade, um dispositivo não reprimido, mas fomentado. Buscar a verdade no sexo parece ter sido a tônica da psiquiatria do século XIX e de algo da psicanálise no início do século XX e não parece possível negar que onde houve repressão houve também incitação, criação, despertar de um corpo de desejo. A assunção de si enquanto corpo de prazer e desejo e, principalmente, a assunção do próprio corpo de prazer e desejo a outrem como parte inerente de si parece ter sido algo paulatinamente construído ao longo dos últimos séculos, como demonstrou Foucault.

Foucault enfatiza que esse corpo de prazer e desejo foi inserido numa lógica normalizadora que exerce poder através do discurso. Da forma em que está imerso na cultura ocidental, o prazer não é algo simplesmente a ser vivenciado, mas algo a ser categorizado, inserido numa lógica de poder-saber, traduzido pela ciência. Essa lógica normalizadora é

apontada por Van Haute e Geyskens (2016) na configuração do Édipo freudiano, que coloca o tabu do incesto como interdito máximo e inscreve a sexualidade num arranjo familiar conservador limitante. A interdição do incesto, colocada por Freud como ponto de nascimento da civilização, é elaborada por Foucault como mais um foco de atuação do dispositivo da sexualidade, onde são produzidos e exercidos poderes. Dizer que o incesto é a interdição primeira é falar de uma sociedade já inscrita na égide do Direito, já desenvolvida do ponto de vista do discurso da sexualidade (Foucault, 2005b, 2009). Mas o Édipo psicanalítico é mais que o Édipo freudiano – vide o Édipo lacaniano – e o tema do sexual na psicanálise é bem mais que o Édipo.

Para Mezan (1988), o complexo de Édipo não é universal, posto que a psicanálise não é texto definitivo. "A psicanálise, porque é leitura, é trabalho, e não deciframento, é instauração de sentido e não mera revelação dele, é negação singular e dolorosa e não marcha tribunal rumo a uma transparência enganadora" (Mezan, 1988, p. 73). A psicanálise se movimenta no caldo cultural de onde saiu, influencia a cultura e é influenciada por ela; mas tem um status epistemológico que procura dar conta da composição do sujeito na modernidade, sujeito sempre em mutação. O sexo é inescapavelmente parte dessa composição.

Joel Birman, em 2000, tentou uma posição conciliatória no debate entre Foucault e a Psicanálise, propondo um exercício da psicanálise como atento ao "cuidado de si", ao invés do "saber de si" criticado por Foucault. Para ele, a tensão da psicanálise entre cuidado e saber de si é permanente, mas é possível a inscrição da psicanálise na tradição ética do cuidado de si.

Considerações finais

É possível que Freud tenha, de fato, ampliado o atributo de discursividade do sexo com a criação da psicanálise. Mas seu movimento talvez tenha sido inevitável, pois a

psicanálise foi uma resposta a males cuja explicação e cura inexistiam na medicina. A histeria, reputada por médicos como fingimento, faz de conta, afligia, ainda assim, um sem número de pessoas que não conseguiam alívio na medicina. Freud, ao demonstrar a existência do inconsciente e a influência marcante da instância psíquica nos males físicos, oferecendo novas perspectivas de cura aos males histéricos, trouxe ao centro do debate um tema que já estava lá; um tema que já trazia sofrimento, já ditava vidas, já parecia estar no cerne de perturbações psíquicas: o sexual.

Ou seja, talvez Freud tenha, sim, contribuído para a ampliação do discurso do sexo e tenha ainda reforçado o modelo de família que queria o capitalismo — burguesa, heterossexual e nuclear, ao apontar a constelação edípica como fundamental na constituição da subjetividade. Se o Édipo é ou não fundamental é um debate que ainda persiste, e que já foi trazido à baila e reformulado um sem número de vezes. Mas é indiscutível que a psicanálise tenha vindo dar guarida e alívio a males reputados como fictícios, inventados, pois que não imediatamente ligados a desordens biológicas. A psicosexualidade foi uma resposta às perguntas acerca da histeria e do enigma do sofrimento psíquico como um todo. O psíquico é instância que precisava de solução. A psicosexualidade já era, talvez, instância que precisava de tradução. É nesse sentido que Freud parece ter sido inevitável, apesar das objeções de Foucault.

Ainda que essa historiografia foucaultiana do aparecimento do corpo de prazer e desejo no contexto da “*scientia sexualis*”, impulsionado pelas práticas da confissão e da regulação e incitação desse corpo de prazer em instituições sociais pareça estar em consonância com a realidade, pode-se fugir, hoje, do corpo de prazer e desejo? Pode-se fugir da assunção de si enquanto sujeito que sabe a verdade de si, que é autenticado pela própria individualidade e que faz do sexo parte fundamental da própria identidade?

A genealogia foucaultiana da sexualidade talvez seja a iniciativa filosófica mais abrangente e mais certa a respeito do que o sexo passou a representar para a sociedade ocidental a partir do século XVI. Descreve mecanismos e relações de poder que persistem até hoje. Mas descreve também práticas médicas, psicológicas e psicanalíticas que entraram em extinção. O DSM V categoriza de forma pormenorizada a “loucura”, e é ainda uma prática de patologização da vida. Mas a boa prática psicanalítica, ainda que leve em consideração as estruturas psíquicas rotuladoras (neurose, psicose e perversão) evita reduzir o analisando a rótulos, e leva em consideração o sofrimento psíquico como critério que balizará as intervenções.

A despeito do que a psicanálise tenha de normalizadora, ainda assim ela parece buscar até hoje uma alternativa ao que a psiquiatria apresenta como patológico e normatizante. Nos séculos XIX/XX ela veio romper com o conceito de degenerescência da psiquiatria, demonstrando o caráter polimorfo e não patológico da sexualidade. Atualmente, e essencialmente depois da teoria lacaniana, é possível enxergar uma psicanálise que se debruça sobre a diversidade humana, inclusive quanto à diversidade sexual, admitindo a estruturação do sujeito em torno de várias formas de ser e estar no mundo.

É importante, ainda assim, não negligenciar a crítica foucaultiana. Pois se o sexo passou de uma noção de estética e cuidado de si para uma noção de constrição, limite, liberação e tentação formada em torno do discurso que no fim visa à normalização, a psicanálise precisa procurar não ser instrumento de tal limite. A psicanálise precisa manter atualizada a autocrítica que a permita atuar sem o juízo de valor, sem a busca da padronização, atinando para a complexidade da existência humana ancorada no inconsciente.

Mezan (1988) afirma que à Psicanálise não precisa ser atribuída uma pretensa extraterritorialidade. Para ele, Foucault relembra os psicanalistas desse lugar histórico de onde eles falam; os relembra que a Psicanálise está, como qualquer outra disciplina, imersa no

contexto cultural onde foi criada, sujeita às determinações e delimitações do espaço de manobra onde atua na sociedade. Mas pode, ainda assim, manter sua autonomia enquanto corpo teórico e prática clínica que serve para dar sentido e mitigar a própria angústia de viver.

Diante da explanação de Foucault acerca da formação do sujeito desejante, é possível entender sua afirmação de que a sexualidade "é constitutiva dessa ligação que obriga as pessoas a se associar com sua identidade na forma da subjetividade" (Foucault, 2004, p. 76). A partir daí é possível compreender como, do ponto de vista social, explorar o tema da sexualidade tanto do ponto de vista psicanalítico quanto do ponto de vista foucaultiano é importante para entender porque a homofobia, a transfobia e o machismo são elementos tão presentes na sociedade brasileira. Para Foucault, a sexualidade assumiu a forma de um discurso que define uma verdade fundamental sobre o indivíduo. Para a psicanálise, a sexualidade é elemento fundamental da constituição psíquica, e como tal deve ser abordado em seu polimorfismo, de maneira despatologizante, assim como em sua constituição na linguagem. Atinar para essas duas perspectivas possibilita uma melhor compreensão dos preconceitos e violências perpetrados contra lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros, compreensão fundamental para a erradicação futura de tais preconceitos e violências.

De forma geral, conclui-se que o trabalho, de certa maneira, atingiu os objetivos inicialmente propostos, de investigar os possíveis pontos de conflito e aproximação entre a concepção psicanalítica e a concepção foucaultiana da sexualidade, através da sistematização teórica do tema para a psicanálise, da análise da obra de Foucault sobre o assunto, e da revisão das duas produções em confronto. É um tema extenso, que possibilita outros recortes teóricos e outros enfoques, além da possibilidade de ampliação das fontes de pesquisa, em face da extensão das obras psicanalíticas e foucaultianas acerca do assunto. Entretanto,

considera-se que, diante das possibilidades, o que há de basilar acerca do confronto entre as duas concepções pôde ser satisfatoriamente abrangido pelo trabalho realizado.

Referências bibliográficas

- Adelman, M. (2000) Paradoxos da Identidade: A Política de Orientação Sexual no Século XX. *Revista de Sociologia Política*, 14, 163-171.
- Bacelar, C., Galdo, R. & Miranda, M. *No Brasil, homofobia matou ao menos 216 em 2014*. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/no-brasil-homofobia-matou-ao-menos-216-em-2014-14087682>> Acesso em 12 Nov.2017.
- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34.
- Birman, J. (2000). *Entre Cuidado e Saber de Si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. (Coleção Conexões).
- Cecarelli, P. R. (2008). A invenção da homossexualidade. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 02 (2), 71-93.
- Cecarelli, P. R. & Salles, A. C. T. da C. (2010). A Invenção da Sexualidade. *Reverso*, 60, 15-24.
- Dunker, C. I. L. (2008). Descartes e o Método Psicanalítico. *Estudos Lacanianos*, v. 1, 169-186.
- Foucault, M. (1975). *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. (Obra originalmente publicada em 1954).
- Foucault, M. (1998). *A História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal. (Obra originalmente publicada em 1984).
- Foucault, M. (2001). *Os Anormais: Curso no Collège de France – 1974-1975*. São Paulo: Martins Fontes
- Foucault, M. (2003). *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: perspectiva. (Obra originalmente publicada em 1961)
- Foucault, M. (2004). Sexualidade e Política. Em: *Ditos e Escritos: Ética, sexualidade e política*. (vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária (Obra originalmente publicada em 1984).
- Foucault, M. (2005a). *A História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal. (Obra originalmente publicada em 1984).
- Foucault, M. (2005b). *A verdade as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora. (Obra originalmente publicada em 1973)

- Foucault, M. (2009). *A História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. (Obra originalmente publicada em 1976).
- Freud, S. (2001). *A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1899)
- Freud, S. (2010). O Mal-Estar na Civilização (1930). Em: *Obras Completas Volume 16: O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). Em: *Obras completas, volume 16: o Eu e o ID, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012). Totem e Tabu (1912-1913). Em: *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905). Em: *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Giddens, A. (1993) *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Green, A. (2000). *As cadeias de Eros* (A. P. Morais, Trad.). Lisboa: CLIMEPSI Editores.
- Instituto de Psicologia — USP. *O que é revisão da literatura?* Disponível em <<http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/revisao.pdf>>. Acesso em 12.Nov.2017.
- Lacan, J. (1992). *Seminário 17 - o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1993). *Seminário 20 – mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra originalmente publicada em 1956).
- Lagoas, J. M. (2013). A Ética dos Prazeres em Aristóteles: uma análise a partir da História da Sexualidade, de Michel Foucault. *Mal-estar e Sociedade, Ano VI* (10), 125-147.
- Lagoas, J. M. (2016). *O problema da percepção na psicanálise de Freud a Lacan*. (Tese de Doutorado). Retirado de http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19964/1/2016_JulianoMoreiraLagoas.pdf
- Laqueur. T. (2001). *Inventando o Sexo — corpo e gênero dos gregos a Freud*. (V. Whately, Trad.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Lionço, T. (2006). *Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica*. (Tese de Doutorado). Retirado de http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3297/1/tatiana_lionco.pdf.

- McDougall, J. (2001). *As Múltiplas Faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mendes, K. d. S., Silveira, R. C. C. P. & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 4 (17), 758-764.
- Mezan, R. (1988). *A Vingança da Esfinge: Ensaios de Psicanálise*. São Paulo: Editora braziliense.
- Mezan, R. (1990). *Freud, Pensador da Cultura*. São Paulo: Editora braziliense.
- Mezan, R. (2014). *O Tronco e os Ramos: Estudos de História da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nasio, J. D. (1992). *Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Quinet, A. (2009). *Psicose e Laço Social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta paulista de enfermagem*, 2 (20), 1-2.
- Van Haute, P. & Geyskens, T. (2016). *Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Van Haute, P. (2017) Lacan encontra Freud? Reflexões psicanalíticas sobre o estatuto das perversões na metapsicologia lacaniana (H. Lana Trad.). *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 3 (1). Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2017/04/28/n3-01/>>
- Whitemore, R. & Knafl, K. (2005). The integrative review: updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, 52 (5), 546-553.